

Para alguns modelos teóricos, como o da sociolinguística quantitativa laboviana (1983), que trabalha com variáveis sociais e linguísticas, existem fatores influenciadores para a ocorrência de determinada variante linguística, os quais também se manifestam na interação entre emissor e receptor em determinado contexto de fala. Essa afirmativa completa-se na abordagem de Bright (1974), quando esse pesquisador diz que a *dimensão do emissor*, a do *receptor* e a da *situação* ou *contexto*, engloba todos os elementos relevantes possíveis no contexto de comunicação.

No funcionalismo, observa-se a função comunicativa da língua, e nesse sentido, segundo Du Bois (1985), os funcionalistas examinam o próprio equilíbrio instável que configura a língua, e o fazem exatamente porque consideram as gramáticas como sistemas adaptáveis. Assim sendo, o funcionalismo ressalta as pressões externas, como, por exemplo, interesse do falante em governar suas atitudes, necessidades informativas e necessidades retóricas, e conferem a essas pressões um papel correlato ao que têm as determinações do sistema tal qual ele se apresenta.

No presente artigo, tomam-se por base as teorias, acima citadas, com o objetivo de realizar uma análise das diferentes gradações de sentido do imperativo na fala de Salvador, a partir de duas amostras, as quais são um recorte dos *corpora* trabalhados em Sampaio (2001; 2004).

A primeira amostra é constituída por cinco inquéritos, do tipo DID (Diálogo entre informante e documentador), sendo um do Projeto NURC (Norma Urbana Culta – Salvador – década de 90/séc. XX) e quatro integrantes do Projeto PEPP (Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador – década de 90/séc. XX), enquanto a segunda, compõe-se de três peças teatrais: uma escrita pelo teatrólogo Affonso Ruy (1916), inserindo-se, portanto, na primeira metade do século XX; uma por João Augusto Azevedo (1959), que, nascido carioca, mas residente durante vinte e três anos na Bahia, demonstra, desde seus primeiros anos em Salvador – Bahia, preocupação em retratar a fala baiana; e uma escrita pelo baiano, Ariovaldo Mattos (1968). A opção por coletar dados na fala de personagens de peças teatrais deve-se ao fato de serem consideradas o registro escrito que mais se aproxima da fala do período em que são produzidas (PRETI, 2003), quando não se dispõe do seu registro magnetofônico.

2. *Os diferentes sentidos manifestados através do modo imperativo*

O uso da forma verbal imperativa ocorre, predominantemente, nos diálogos diretos, ou seja, quando locutor e interlocutor se encontram no mesmo espaço e tempo. Além disso, observa-se sempre uma inter-relação dessa forma verbal com o tratamento dispensado pelo emissor ao seu receptor, envolvendo valores sociais e grau de intimidade.

Nesse contexto, observa-se a predominância da função conativa ou apelativa da linguagem, na visão de Jakobson (1969), já que é através das construções discursivas com a forma verbal imperativa que essa função mais se manifesta.

O imperativo expressa diferentes sentidos nos diversos contextos situacionais em que é usado. São os seguintes os sentidos manifestados pelo imperativo, nos dados coletados nos inquiritos e nas peças que compõem a amostra deste trabalho.



Figura 1: Graduações de sentido expressas pelo modo imperativo

A análise das graduações de sentido, manifestadas pelo imperativo é aqui realizada com base em Perini (1996, p. 63) que afirma: "É preciso observar, antes de mais nada, que a força ilocucionária não é uma propriedade das frases propriamente ditas, mas das frases *em determinados contextos*".

Para efeito de sistematização, são adotadas as seguintes acepções:

- (i) Ordem – um comando que ocorre quando um emissor se dirige ao seu interlocutor, impondo-lhe sua vontade, mandando que execute um ato ou determinada ação.
- (ii) Ordem enfática – uma ordem emitida com arrogância, ratificada nos textos das peças pela presença do ponto de exclamação.

- (iii) Ordem atenuada – comando emitido de modo abrandado, mas que não chega a se constituir em um pedido.
- (iv) Pedido – manifestação de uma solicitação, de uma súplica.
- (v) Chamada de atenção – consiste na tentativa do emissor de despertar a atenção do interlocutor para sua fala; nesse caso, o verbo exerce a função de marcador conversacional.
- (vi) Advertência – manifestação de uma censura leve.
- (vii) Conselho – ato de aconselhar, exortar.

## **2.1. As amostras, a análise e o cotejo entre os corpora**

As amostras de onde foram coletados os dados para a análise das gradações de sentido do imperativo são constituídas por cinco inquéritos, sendo dois integrantes do NURC/N (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil: Salvador, década de 90/séc. XX) e três do PEPP (Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador, década de 90/séc. XX), e pelos diálogos de três peças teatrais representativas do teatro baiano, escritas no séc. XX: *Lolita*, Affonso Ruy (1916), inserindo-se, portanto, na primeira metade do século XX; uma por João Augusto Azevedo, *Maria Cilivana: A História do Marido que Trocou a Mulher por uma Vaca* (1959), teatro baiano; e uma escrita pelo baiano Ariovaldo Mattos, *A Escolha* (1968).

Os *corpora* constituíram-se de 106 (cento e seis) ocorrências do imperativo, coletadas na amostra de inquéritos, e de 108 (cento e oito) ocorrências desse modo verbal, recolhidas na segunda amostra (peças teatrais).

No *corpus* do NURC e do PEPP, houve predominância do sentido aqui denominado *chamada de atenção* (60 ocorrências), nos contextos em que o locutor (informante nos DIDs) manifesta a intenção de persuadir o interlocutor a não desviar o interesse pelo seu discurso, tendo ocorrido quase sempre com o verbo *olhar* na função de marcador conversacional. Esse processo parece enquadrar-se nas funções da enunciação apresentadas por Benveniste (1989), quando afirma:

Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. [...] os termos ou formas que denominamos de *intimação*: ordens, apelos concebidos em categorias como o *imperativo*, o vocati-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

vo que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 86, último grifo nosso).

Exemplos das ocorrências:

(1) Inf. – Eh ... eh ... *olha* é difícil eu dizer se sim, porque na minha vida ano houve isso, entendeu? (NURC/N 014)

(2) Inf. – *Olhe*, eh... eh... é porque, *veja* bem. Eu tenho uma visão muito restrita, com relação a material da escola,... (NURC/N 014)

Quanto ao uso da forma verbal de terceira pessoa (forma oriunda do subjuntivo), nesse contexto, pode-se observar que o interlocutor demonstra certa insegurança, embora empregue o imperativo, opondo-se, dessa maneira, ao uso da segunda pessoa, o que parece se tratar da função designando uma relação entre um sistema de forma e seu contexto. (GARVIN, 1978)

A manifestação contínua desse sentido, *chamada de atenção*, nos dados aqui apresentados, parece demonstrar uma tendência do imperativo, embora os gramáticos normativos e descritivos, como Bechara (2001), Faraco & Moura (2000), Cunha (1993) e Perini (1996), não o incluam na semântica desse modo verbal.

Vale ressaltar que, no outro *corpus*, imperativo nas peças teatrais, o uso desse sentido não teve grande frequência, já que das 108 (cento e oito) ocorrências do imperativo, apenas 10 (dez) correspondem ao sentido, *chamada de atenção*, o que poderia ser explicado pelo fato de ser uma manifestação do uso de marcador conversacional, “elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si, etc.” (MARCUSCHI, 1997, p. 61), cujos estudos se inserem inicialmente na análise da conversação, que começa a se constituir em objeto de pesquisa na década de 60 do séc. XX, o que denota ser, possivelmente, também o período do início desse mecanismo nos diálogos do português do Brasil, uma vez que são estudados na ciência, neste caso, linguística, os fenômenos que se apresentam, ou seja, a realidade imediata.

Já o sentido *ordem*, cujo número de ocorrências também foi significativo, tanto nas peças teatrais, como nos diálogos do NURC e do PEPP, foram identificadas 76 (setenta e seis) ocorrências nos diálogos das peças teatrais, que constituem a amostra em análise, e 35 (trinta e cinco) ocorrências nos inquéritos tipo DID, dos quais foram destacados, sobretudo, os imperativos dos relatos dos informantes.

Exemplos:

(3) [...] 'oh, venha, tá fazendo o que na rua? *Vá* pra casa agora', nem conhecia a gente, 'você mora onde?', [...] (PEPP INQ 09)

(4) [...], 'façam um trabalho em tal assunto, *traga* aqui e pronto', a gente fazia, dava a nota e acabou, entendeu? (PEPP INQ 21)

(5) [...] Maria: – Então *faça* uma limpeza geral por aqui. A começar pelas mulheres, ouviu? (MC – *Maria Cilivina: A História do Marido que Trocou a Mulher por uma Vaca*)

Como ocorreu em (3), (4) e (5), para esse sentido, a predominância também recaiu na forma verbal de terceira pessoa (forma oriunda do subjuntivo).

Levam-se em conta, também, com algumas restrições, as colocações de Cunha e Cintra (1993, p. 465) quando afirmam:

Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais um modo de exortação, de conselho, de convite, do que *propriamente de comando, de ordem*. (Grifó nosso)

Os dados levantados, nesta pesquisa, não confirmam totalmente a afirmativa de Cunha e Cintra com referência ao sentido de comando/ordem, demonstrado pelo emprego do modo imperativo. Verifica-se que o sentido, considerado o primeiro do imperativo – ordem – sobressaiu, não apenas por ter ocorrido em ambos os *corpora*, mas porque se mostrou quase sempre presente.

Já o sentido aqui denominado *ordem enfática*, uma ordem emitida com arrogância, ratificada nos textos das peças pela presença do ponto de exclamação, conforme indicado no início do *tópico 1*, foram registradas apenas duas vezes, uma na amostra das peças teatrais e uma na amostra dos inquéritos, ambas apresentaram a forma verbal imperativa na 2ª pessoa do singular, o que parece fazer jus ao sentido evidenciado na elocução, como em:

(6) Frederico: – *Dá* o fóra Diógenes!

2ª p. do singular (L – Lolita)

(7) [...] 'ninguém vai saber, *bota* (...inint...), bota o outro e me bota pra fora', quem ia sair era o outro, [...] (PEPP INQ 15)

O outro sentido é o de *pedido*, manifestado em contextos mais atenuados, o que ratifica em parte a asserção de Cunha e Cintra, acima citada, cuja forma verbal se apresenta, predominantemente, na 3ª pessoa do singular, oriunda do modo subjuntivo. Foram registradas 04 (quatro

ocorrências) na amostra do NURC e PEPP e 06 (seis ocorrências) nas peças teatrais.

(8) [...], eu ia ficar, eu disse 'rapaz *bote* o Z...e', 'você não vai falar com ninguém?', [...] (PEPP INQ 15)

(9) Tancredo: – Água, H<sub>2</sub>O, é veneno... *fale*, Narinha, *fale*. *Lave* minha alma com sua voz de anjo. (ESC – Escolha)

Foram registrados, como já foi especificado, três outros sentidos assumidos pelo imperativo nos dados analisados, *advertência*, *conselho* e *ordem atenuada* (Cf. **Fig. 1**). Não obstante o menor número de ocorrências do imperativo com esses sentidos, e o fato de esses sentidos não aparecerem em todos os textos analisados, acredita-se que são importantes por constituírem especificidades de manifestação desse modo verbal, demonstrando mais uma vez a interação entre os falantes e o contexto situacional.

### 3. Conclusão

Os resultados da análise realizada neste texto, em dados coletados em peças teatrais, cujos diálogos representam a fala de Salvador e em inquéritos de programas da língua portuguesa falada nessa mesma comunidade, evidenciam a preferência pela forma verbal imperativa na terceira pessoa, a qual advém do modo subjuntivo, enquanto a forma herdada do latim (segunda pessoa) somente ocorreu em raros momentos, mesmo quando aparece no sentido de *ordem*. Essa situação confirma os resultados de outras pesquisas sobre o uso do imperativo em que o aspecto analisado não se tratava do sentido que o verbo assume nos diversos contextos de fala.

O sentido *chamada de atenção*, no entanto, registrado nos dados analisados neste artigo, sobretudo com o uso de marcadores conversacionais, pode ser analisado à luz da teoria dos atos de fala Austin (1961), especificamente aquele denominado por esse pesquisador, ato *ilocucionário*, que seria o ato executado na fala. Para Austin, as ações que se realizam através dos atos de fala podem ser muito diferentes, por isso ocorre a necessidade de distinguir as diversas dimensões que um ato de fala possui, uma vez que, em uma única locução, o falante pode realizar diferentes atos de fala.

Em suma, o sentido do verbo no contexto situacional evidencia-se relevante para a função comunicativa da língua, tanto quanto outros as-

pectos, como a forma verbal e de tratamento já apresentadas em outros trabalhos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, João Augusto. *Maria Cilivana: a história do marido que trocou a mulher por uma vaca*. Salvador, 1958. [Datilografado].

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Trad.: Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 14. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1993.

\_\_\_\_\_; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português*. 2. ed. 24. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985. p. 343-365.

FARACO, C. A. Chapter three: history of the imperative sentence in portuguese. In: \_\_\_\_\_. *The imperative sentence in portuguese: a semantic and historical study*. 1982. Tese (de doutorado). – Salford University, Salford (UK)

\_\_\_\_\_; MOURA, F. M. de. *Gramática*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

GARVIN, P.; MATHIOT, M. The functions of language. A sociocultural view. *Anthropological Quarterly*, vol. 48, p. 148-156, 1978.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

LABOV, W. *Modelos sociolingüísticos*. Trad.: José Miguel Marinas Herrera. Madrid: Cátedra, 1983.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

\_\_\_\_\_. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 281-319.

MATOS, Ariovaldo. *Teatro: a escolha; a engrenagem*. Salvador: S. A. Artes Gráficas, 1968.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003.

RUY, Affonso. *Lolita*. Salvador, 1916. [Datilografado].

SAMPAIO, D. A. *A expressão do imperativo no português do século XVI ao século XX*. 2004. Tese (Doutorado em Letras). – Instituto de Letras, UFBA, Salvador.

\_\_\_\_\_. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras). – Instituto de Letras, UFBA, Salvador.

**DA PLANTA PARA A LÍNGUA:  
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS  
SOBRE A PUAIA EM BOM JESUS DO ITABAPOANA**

Mônica Teixeira Tupini (SEEDUC-RJ)

[sratupini@hotmail.com](mailto:sratupini@hotmail.com)

Evandro Francisco Marques Vargas (UENF)

[evandropeixxe@yahoo.com.br](mailto:evandropeixxe@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sociais sobre o termo *puaia* em Bom Jesus do Itabapoana. Encontramos a origem da palavra no século XVI. Originalmente o termo era *poaia*, referia-se a uma planta, tradicionalmente utilizado pelos grupos indígenas Puri que ocuparam a região da Zona da Mata, Noroeste Fluminense e Sul do Espírito Santo. Com o contato e aldeamento dos Puris os colonizadores tomaram conhecimento do uso que os indígenas faziam da planta, utilizada como vermífugo e expectorante. Dessa forma, passam então a incentivar a extração de suas raízes. Encontramos o termo no regionalismo linguístico de Bom Jesus do Itabapoana, com um sentido bem peculiar, “passar *puaia*”, ou “dar *puaia*” que pode ser traduzido como uma tentativa de ludibriar alguém de forma polida (elogio exagerado ou falso) com a intenção de obter algo favorável em troca. E “comer *puaia*” quando essa intenção é bem-sucedida. Encontramos esse uso semântico nas gerações posteriores à década de 1940, todavia, nas gerações recentes o termo vem perdendo sua utilização enquanto representação social. Nossa pesquisa busca através de entrevistas em diferentes segmentos: faixas etárias, socioeconômicas e de ambiente rural ou urbano, identificar o porquê das pessoas com idade na faixa etária entre 40 e 70, residentes em Bom Jesus do Itabapoana, apropriam-se do termo como uma representação social muito significativa para sua identidade cultural. O objetivo é fazer um resgate do patrimônio imaterial desse regionalismo linguístico, tendo como lócus para a pesquisa o município supracitado.

**Palavras-chave:** Representação social. Puaia. Regionalismo linguístico.

**1. Introdução**

Este trabalho objetiva analisar as representações sociais (MOSCOVICI, 2011) do termo *puaia* e seu uso peculiar no município de Bom Jesus do Itabapoana, no Noroeste Fluminense. Para tal realizamos dez entrevistas individuais com roteiro semiestruturado (LAKATOS; MARCONI, 1991), com intuito de investigar a origem da expressão idiomática nas quais buscamos encontrar elementos que possibilitem um elo entre a *poaia* (*Psychotria ipecacuanha* ou *Cephaelis ipecacuanha*) planta medicinal abundante nessa região desde tempos coloniais e a *puaia*, representação social nessa população.